

## SER-TÃO MINAS: UMA CARTOGRAFIA CINEMATOGRAFICA DO SERTÃO MINEIRO

Diogo José Bezerra dos Santos <sup>1</sup>, Giovana Scareli <sup>2</sup>

1. Estudante do Departamento de Ciências da Educação (DECED) da UFSJ

2. Pesquisadora do DECED da UFSJ / Orientadora

### Resumo:

O estudo teve como objetivo principal um mapeamento dos filmes realizados nos últimos cinquenta anos e que apresentem o estado de Minas Gerais, seja através de seus cenários, paisagens, roteiros, temas ou personagens principais. A partir do encontro com as obras cinematográficas e com as ideias de Hannah Arendt, principalmente as difundidas na obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, problematizamos e defendemos uma função do cinema que consideramos estratégica para a área da educação, que é o seu poder de estimular o pensamento e criar resistência aos clichês e estereótipos, em favor de uma educação emancipadora. Para nos auxiliar na problematização, escolhemos um filme entre os cartografados, fizemos uma decupagem parcial e utilizamos os princípios do método documentário de análise de imagens, proposto por Ralf Bohnsack.

### Palavras-chave:

Educação; Cinema; Clichê.

### Apoio financeiro:

CNPq

### Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição:

Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ

### Introdução:

No cinema brasileiro há um grande número de produções que apresentam o estado de Minas Gerais, entretanto, apesar de consumirmos esses bens culturais, nem sempre investigamos que tipo de saberes é possível constituir a partir dessa linguagem que expressa, encena, documenta, caracteriza, apresenta elementos do real, sempre numa construção sistematizada, pensada, selecionada e editada para estar na tela.

A promulgação da Lei nº 13.006 de 2014, traz um parágrafo à LDB de 1996 que diz: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.” Neste sentido, para contribuímos com as discussões acerca das implicações e das potências do cinema, quando utilizado na educação, propomos e realizamos esse estudo.

### Metodologia:

A perspectiva metodológica que melhor se alinha ao nosso estudo e às nossas convicções em relação à pesquisa em Educação é a cartografia. “Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicações em processos de produção, conexão de redes ou rizomas.” (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2012, p. 10).

Nesta perspectiva realizamos, em um primeiro momento, um mapeamento das obras cinematográficas. Buscamos filmes em sites, publicações e lojas especializadas em cinema. Após a busca, realizamos um levantamento e um cruzamento de dados, apontando e pontuando aspectos das obras que consideramos relevantes para o estudo.

Em um segundo momento, a partir do encontro com as obras cinematográficas e com as ideias de Hannah Arendt, sobretudo as difundidas na obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, problematizamos e defendemos uma função do cinema que consideramos estratégica para a área da educação, que é o seu poder de estimular o pensamento e criar resistência aos clichês e estereótipos. Para auxiliar na problematização, selecionamos um filme entre os cartografados e realizamos uma análise de algumas de suas sequências e imagens. O método escolhido para análise das sequências e imagens foi o método documentário, proposto por Ralf Bohnsack (2010).

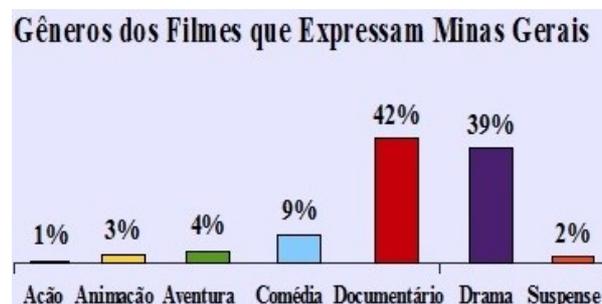
Transversal a esses dois momentos ocorreu o levantamento bibliográfico, promovendo conexões e fortalecendo os resultados. Além da participação no Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Imagem – GEFI/UFSJ, que auxiliou com as leituras e discussões de temas afins.

### Resultados e Discussão:

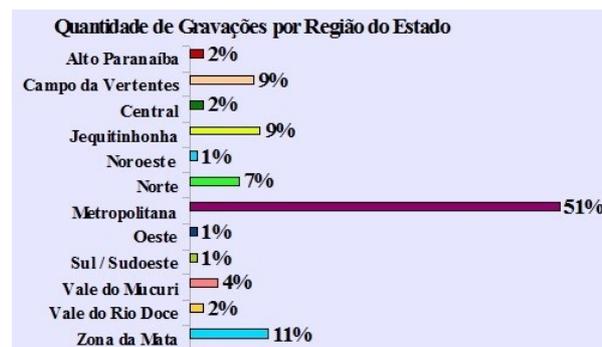
Iniciamos a discussão apresentando dados estatísticos que produzimos acerca das obras mapeadas. Encontramos um total de cento e dezessete filmes, sessenta e seis por cento deles produzidos como longas-metragens, filmes com duração acima de sessenta minutos; trinta por cento produzidos como curtas-metragens, filmes com duração de até trinta minutos; e quatro por cento produzidos como médias-metragens, filmes com duração entre trinta e sessenta minutos. Abaixo um gráfico que demonstra essa relação:



Observamos também que quarenta e dois por cento desses filmes mapeados foram produzidos como documentários. O gênero drama foi o segundo mais utilizado, com trinta e nove por cento do total. Nos chamou a atenção o fato de apenas dois gêneros, documentário e drama, serem responsáveis por oitenta e um por cento do total de filmes. Em terceiro, o gênero comédia, com nove por cento do total. Em seguida, os gêneros: ação, aventura, animação e suspense, com menos expressões. Conforme podemos observar no gráfico que produzimos abaixo:



Durante a pesquisa também observamos a relação de filmes por regiões do estado. Percebemos que a maior parte deles foram gravados na Região Metropolitana de Minas Gerais, onde, apenas esta área serviu como cenário para cinquenta e um por cento dos filmes mapeados. A região da Zona da Mata, serviu de cenário para onze por cento dos filmes. Em seguida, as regiões do Campo das Vertentes e Vale do Jequitinhonha, ambas com nove por cento. As regiões onde menos ocorreram gravações, foram as regiões: Noroeste, Oeste e Sul/Sudoeste, com dois filmes cada uma, o que representa um por cento do total de filmes gravados em todo o estado. Como demonstra o gráfico que produzimos abaixo:



Constatamos no estudo também que grande parte dessas obras que expressam o estado de Minas Gerais o fazem a partir de estereótipos e clichês, recorrentemente apresentam imagens em plano aberto, mostrando paisagens na quais vemos um vasto horizonte cercado por rios, campos, veredas, buritis. Também é comum vermos fazendas, vilarejos de terra batida, igrejas, sobrados, crucifixos, fogões à lenha e carros de boi. Em relação aos personagens, em geral se apresentam ingênuos, religiosos e com um sotaque bem carregado, são recorrentemente fazendeiros, vaqueiros, jagunços, padres ou trabalhadores de lavoura. Acreditamos que essas obras reforçam elementos que já fazem parte do nosso senso comum e que junto a outros inúmeros ícones culturais ajudam a construir, difundir e perpetuar um tipo de visão estereotipada do estado de Minas Gerais e de seus habitantes.

Apesar de em menor quantidade, encontramos também filmes, sobretudo os contemporâneos, que apresentam uma resistência a este tipo de narrativa e imagens, expressando diferentes maneiras de registrar o estado de Minas, apresentando novas problemáticas e referências, mostrando elementos de um “ser-tão” minas que se diferenciam daquele estereotipado. Selecionamos uma obra com essas características para defendermos a possível função do cinema de estimular o pensamento e criar resistência aos estereótipos e aos clichês, em favor de uma educação emancipadora. O filme selecionado para analisarmos foi *Acidente*, documentário de 2006, dos diretores Cao Guimarães e Pablo Lobato. A escolha desta obra ocorreu pela sua potência em inspirar a problematização. O método documentário de análise de imagens proposto por Ralf Bohnsack (2010) foi nosso aliado para as análises da linguagem fílmica, desta construção de uma determinada “realidade” proposta pelo filme, sua estética, caracterização, edição e também nas possíveis interpretações das imagens que tomamos para análise. O referido método, tem sua origem na sociologia do conhecimento de Karl Mannheim e foi desenvolvida para a análise de imagens por Ralf Bohnsack, que, para tanto, também retomou a teoria da iconologia

de Erwin Panofsky e às contribuições de autores como Max Imdahl e Roland Barthes. Em suma, a intenção do método é identificar a maior quantidade possível de níveis imagéticos, bem como compreender a sua relação com o contexto da produção. O sentido é passar de uma análise sobre a fonte para uma análise através da fonte, isto é, na “troca do questionamento sobre o que são os fenômenos ou realidades culturais e sociais pela pergunta como foram produzidos.” (BOHNSACK, 2009, p. 158)

### **Conclusões:**

A utilização na educação de obras cinematográficas que difundem clichês e estereótipos pode facilitar a criação de indivíduos incapazes de pensar, doutrinados, apenas repetidores do já representado.

Defendemos neste estudo que uma das principais preocupações dos professores, que agora devem cumprir a Lei nº 13.006, que diz sobre a obrigatoriedade da exibição de filmes nacionais nas escolas, ou de quem pretende lançar mão do cinema como recurso na educação, seja buscar obras que estimulem o pensamento e a imaginação do aluno. Ao invés de doutrinarem, defendemos que a utilização do cinema na educação seja feita como incitação ao pensamento e não ao seu bloqueio.

Nas obras da filósofa Hannah Arendt, sobretudo no livro *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, encontramos uma justificativa para defendermos a utilização do cinema como possibilidade de resistência às representações estereotipadas e aos clichês, em favor de uma educação emancipadora. Na obra, a autora examina o julgamento de Adolf Eichmann, o responsável pelo envio de judeus para os campos de concentração na Alemanha Nazista. A análise da autora demonstra que a impossibilidade de pensar diferente do discurso dominante é que o tornava um indivíduo obediente aos mandos do Reich, isto é, “as atitudes de Eichmann eram produtos de sua incapacidade de pensar.” (ARENDR, 2011, p.61-62) Neste sentido, o mal era criado pela narrativa padronizada que repetia e transformava tudo em clichês.

Ao apresentar um mundo que escapa aos estereótipos e clichês, o cinema pode abrir espaços nas representações que nos impedem de pensar, fazendo devir o pensamento e facilitando uma educação emancipadora.

### Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: do capitalismo à esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. v. 1.

BOHNSACK, Ralf. **Qualitative Bild- und Videointerpretation**. Opladen: Budrich, 2009.

BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens segundo o método documentário. IN WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRUZZO, Cristina. Filme “Ensinante”: o interesse pelo cinema no Brasil. **Proposições** – Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação - Unicamp. Faculdade de Educação. Campinas, SP, v.15, n.1 (43), jan./abr. 2004.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

XAVIER, Ismail. Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar: entrevista com Ismail Xavier. **Educação & Realidade** (Dossiê cinema e educação), Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.13-20, jan./jun. 2008.